

**APROPRIAÇÕES
MIDIÁTICAS DO
FEMINISMO NEGRO NA
CONTEMPORANEIDADE**

**MEDIA APPROPRIATIONS OF
BLACK FEMINISM IN BRAZILIAN
CONTEMPORANEITY**

**LA APROPRIACIÓN DE MEDIOS
POR EL FEMINISMO NEGRO EM LA
CONTEMPORANEIDAD BRASILEÑA**

**Telma Sueli Pinto Johnson¹
Pedro Augusto Farnese de Lima²
Marcela Xavier Ribeiro^{3, 4}**

RESUMO

Este artigo examina apropriações midiáticas pelo feminismo negro baseadas em reflexões teórico-conceituais sobre a problemática da comunicação em

¹ Pós-doutoranda no LABC.COM.IFP da Universidade da Beira Interior (Covilhã/Portugal). Doutora em Comunicação e Sociabilidade Contemporânea (UFMG), mestra em Jornalismo (Southern Illinois University-EUA), e graduada em Comunicação Social/Jornalismo (UFPA). Professora adjunta da FACOM/Universidade Federal de Juiz de Fora e coordenadora do projeto de pesquisa "Jornalismo em dispositivos móveis: mapeamentos transculturais" (RES. nº 24/2016-Conselho Setorial de Pós-Graduação e Pesquisa- CSPP/UFJF). E-mail: tjohnson@globo.com.

² É especialista em Comunicação Empresarial; Marketing e Negócios; bacharel em Comunicação Social/Jornalismo, ambos pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF); Atualmente cursa pós-graduação em Comunicação e Marketing em Mídias Digitais pela Faculdade Estácio de Sá Juiz de Fora. É professor da educação a distância do Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais - Campus Juiz de Fora, onde também exerce a função de Jornalista. Mestrando no PPGCOM da Universidade Federal de Juiz de Fora. E-mail: pedro.farnese@ifsudestemg.edu.br.

³ Graduanda pela Faculdade de Comunicação, no Curso de Jornalismo, da Universidade Federal de Juiz de Fora. E-mail: marcelaxavierribeiro@gmail.com.

⁴ Endereço de contato do autor (por correio): Universidade Federal de Juiz de Fora. Faculdade de Comunicação. Rua José Lourenço Kelmer, S/n - Martelos, Juiz de Fora - MG, CEP: 36036-330, Brasil.

sociedades midiáticas e suas relações com a literacia midiática. O *Instituto da Mulher Negra Geledés*, fundado em 1998 no período da redemocratização brasileira, constitui-se no objeto de investigação. O movimento *Geledés* foi observado e mapeado em sua página no site de rede social Facebook, durante um período consecutivo de oito semanas em 2016, com o propósito de identificar modalidades de interações entre seus visitantes. A análise dedica-se, para além das postagens do *Geledés*, a apreender e compreender o que acontece na esfera da recepção quando se trata de tipos de usos, apropriações e produções de sentidos. Um construto metodológico baseado na Cartografia de Controvérsias (CC) foi operacionalizado para analisar as interações dos actantes sociais do *Geledés* no Facebook, revelando predominância de interações passivas e elevado número de comentários participativos desqualificados sob a ótica do debate público racional.

PALAVRAS-CHAVE: Comunicação; Redes Sociais; Feminismo Negro; Literacia Midiática; Cartografia de Controvérsias.

ABSTRACT

This article examines media appropriations by black feminism based on theoretical-conceptual reflections on the problem of communication in mediatized societies and their relations with media literacy. The Geledés Black Women's Institute, founded in 1998 in the period of Brazilian redemocratization, is the object of this research. The Geledés movement was observed and mapped on its page on the social networking site Facebook, during a consecutive period of eight weeks in 2016, with the purpose of identifying modalities of interactions among its visitors. The analysis is dedicated, in addition to the posts of the Geledés, to apprehend and to understand what happens in the sphere of the reception when it comes to types of uses, appropriations and of production of meanings. A methodological construct based on the Cartography of Controversies (CC) was operationalized to analyze the interactions of Geledés social actants on Facebook, revealing predominance of passive interactions and a high number of participatory comments disqualified from the perspective of rational public debate.

KEYWORDS: Communications; Social Networks; Black Feminism; Media Literacy; Controversy Cartography.

RESUMEN

Este artículo examina las apropiaciones de medios por el feminismo negro a partir de reflexiones teórico-conceptuales sobre el problema de la comunicación en las sociedades mediáticas y sus relaciones con la alfabetización mediática. El Instituto Geledés de Mujeres Negras, fundado en 1998 en el período de la redemocratización brasileña, es el objeto de esta investigación. El movimiento Geledés fue observado y mapeado en su página en el sitio de redes sociales Facebook, durante un período consecutivo de ocho semanas en 2016, con el propósito de identificar modalidades de interacción entre sus visitantes. El análisis se dedica, además de los puestos de los Geledés, a aprehender y entender lo que sucede en la esfera de la recepción en lo que se refiere a tipos de usos, apropiaciones y de producción de significados. Se implementó un constructo metodológico basado en la Cartografía de Controversias (CC) para analizar las interacciones de actores sociales de Geledés en Facebook, revelando predominio de interacciones pasivas y un alto número de comentarios participativos descalificados desde la perspectiva del debate público racional.

PALABRAS CLAVE: Comunicación; Redes Sociales; Feminismo Negro; Alfabetización Mediática; Cartografía de Controversias.

Recebido em: 28.02.2017. Aceito em: 26.03.2017. Publicado em: 30.03.2017.

Introdução

Este trabalho discute apropriações midiáticas do feminismo negro na página do “Geledés Instituto da Mulher Negra” na rede social Facebook, aplicando o conceito de Literacia Midiática. Trata-se de um estudo de caso à luz da Teoria Ator-Rede (TAR), utilizando a metodologia da Cartografia de Controvérsias (CC), a fim de mapear interações, identificando e problematizando os principais conflitos.

O cartógrafo social trabalha descrevendo e registrando rastros das interações dos actantes ou interagentes, de forma não hierárquica, valorizando o papel de cada um dentro das redes sociotécnicas, em contexto. Essas redes são formadas nos espaços digitais de mediação, abrindo possibilidades de interação e arranjos sociais nos processos de comunicação para interferir no campo social (PEREIRA e BOECHAT, 2014), mas vão muito além desse escopo.

Hjarvard (2012, p. 66) define mediação como “o ato completo da comunicação através de um meio em um contexto social específico”. Martino (2015) assevera que a mediação das interações entre os indivíduos é o “espaço da aparência”, onde um perfil imaginário é instituído enquanto representação verossímil. “A mediação de si mesmo, assim como a mediação da realidade, faz com que o mundo compartilhado nas telas digitais se torne um espaço de troca de imagens e aparências” (MARTINO, 2015, p. 248). Enquanto procuram mediar interações humanas, os dispositivos tecnológicos modificam a realidade, a partir de suas características próprias.

A hipótese deste estudo é que a *fanpage* Geledés Instituto da Mulher Negra promove literacia midiática enquanto ponto de encontro ou nó, que reúne atores sociais – actantes que se envolvem na discussão de questões específicas – em torno de suas postagens. As publicações funcionam como

instrumentos de provocação ao debate público, agenciando temas e assuntos discutidos na esfera pública.

O mapeamento consiste em observar e identificar a interação entre os atores sociais e coletar rastros deixados por eles. Esse olhar permite representações e análises visuais, construídas a partir desses rastros, com o auxílio de ferramentas de tecnologias da informação e comunicação. A cartografia deve ocorrer enquanto os actantes ainda não se harmonizaram, resolvendo suas divergências. Quando as controvérsias se harmonizam, por meio de negociações entre os mediadores, surgem as pontualizações ou caixas pretas. As caixas pretas podem se abrir novamente, caso novas controvérsias apareçam (LEMOS, 2013).

O *corpus* do estudo foi constituído pela coleta das postagens realizadas pelo movimento Geledés em sua página no Facebook, no período de 16 de abril de 2016 a 11 de junho de 2016, totalizando oito semanas consecutivas de observação. Um banco de dados foi construído, através da técnica de capturas de tela (*Print screens*), para armazenar postagens e registros de interações dos atores sociais em modalidades de participação como "curtidas", "compartilhamentos" e "comentários". Embora a página não tenha um horário de pico exato, observou-se a predominância de postagens entre 9h e 11h, 15h30 e 20h.

As publicações foram coletadas sem a utilização de filtros, ou seja, a opção "Principais comentários (sem filtros)" foi ativada para a coleta do material. Selecionada esta opção, todos os comentários se tornaram visíveis, sendo apresentados primeiramente os comentários de maior relevância, gerados automaticamente pelo próprio algoritmo da plataforma Facebook. Para as finalidades da pesquisa, as respostas desdobradas dos comentários foram

desconsideradas quantitativa e qualitativamente da coleta e análise, permitindo maior foco e controle sobre o *corpus*.

Nesse esforço científico, a questão central da pesquisa é compreender como o Geledés promove literacia midiática na rede social Facebook, quais os principais conflitos, como se originam e quem são os principais atores sociais das controvérsias.

Feminismo Negro

Feminismo é um movimento social, político e filosófico que defende a igualdade entre homens e mulheres. Surgiu na Europa no final do século XVIII, como consequência dos ideais propostos pela Revolução Francesa, que tinha como lema a luta pela "Igualdade, Liberdade e Fraternidade" e se instalou em vários países. Sustenta-se na afirmação que as mulheres sofrem formas de opressão não compartilhadas pelos homens, nos âmbitos social, político, familiar e econômico (ALVES e PITANGUY, 1982; AUAD, 2003; PINTO, 2007; PINTO, 2010).

As principais bandeiras de luta do movimento feminista são o combate à discriminação de gênero e à diversidade sexual, combate ao racismo, à desigualdade salarial, violência de gênero, violência institucional, obstétrica, psicológica, física e sexual. Também defende o casamento e adoção de filhos por parte de casais homoafetivos e a legalização do aborto. O feminismo (ALVES e PITANGUY, 1982) compreende o sexo e a sexualidade como instrumentos políticos, já que as relações interpessoais são permeadas por questões ligadas ao poder e a hierarquias.

No Brasil, práticas machistas de opressão contra mulheres brancas e negras têm raízes históricas diferenciadas. Durante a escravidão, senhores

brancos violavam suas escravas, tendo o ato como direito de uso do proprietário. Enquanto a mulher branca era dominada por questões de gênero, a mulher negra era oprimida por questões de gênero e pelas leis escravocratas que legitimavam o racismo. Esse processo de dominação histórica da população negra deixou marcas no imaginário social, principalmente quanto às mulheres negras, consagradas como “boas de trabalho e de cama” (CARNEIRO, 2011; CASTRO, 2011).

O Feminismo Negro Brasileiro nasceu quando feministas negras e militantes do Movimento Negro Unificado (MNU) perceberam a falta de espaço para assuntos ligados à raça e ao gênero em ambos os movimentos. O movimento feminista era formado principalmente por mulheres brancas da classe média urbana, com formação universitária, motivo pelo qual as formas de opressão sofridas pelas mulheres negras não faziam parte da agenda do movimento. No MNU, cargos de chefia eram ocupados majoritariamente por homens, além do conceito de gênero não encontrar espaço nos debates e ações promovidas. Damasco, Maio e Monteiro (2012) observam que os termos “feministas negras” e “Feminismo Negro” foram cunhados pelas próprias militantes, a fim de representar o movimento de mulheres negras no país.

Os autores afirmam que a construção de uma identidade racial das militantes ocorreu em decorrência da agenda governamental com relação à saúde reprodutiva da população negra. Outro alicerce para a consolidação do feminismo negro, enquanto movimento popular organizado, foram as denúncias de esterilização cirúrgica em massa de mulheres negras, durante a década de 1980.

Em 1994 foi instaurada, no Congresso Nacional, a Comissão Parlamentar Mista de Inquérito (CPMI) para investigar denúncias de esterilização em massa de mulheres negras e mestiças. No entanto, conforme descrevem Damasco,

Maio e Monteiro (2012), as investigações da CPMI descartaram a hipótese de uma esterilização massiva das mulheres negras, mas admitiram não haver estatísticas oficiais capazes de especificar por raça aspectos relacionados à saúde no Brasil.

Castro (2011) discute o que chamou de "marcadores sociais da diferença", analisando a desigualdade intragênero originada na tríade raça-gênero-classe, enfrentada pelas mulheres negras brasileiras. Afirma que discursos sociais são espaços de poder – poder este que se manifesta nas práticas políticas, econômicas e culturais, propiciando que as identidades subjetivas de opressores e oprimidos surjam nas lacunas e intersecções desse espaço de poder.

Outro ponto fundamental do pensamento de Castro (2011) é o valor estético da "branquitude" enquanto violência simbólica, perpetrada e legitimada pelos meios de comunicação. Segundo ela, tal processo de estereotipação é uma consequência histórica da negação da mulher negra brasileira como sujeito político. "Estereótipos, estigmas e lugares-comuns circundam a memória coletiva dos brasileiros, local em que foram potencializados pela subvalorização do status dessas pessoas por meio do ideal de branqueamento da população" (CASTRO, 2011, p.7).

Gomes (2010) analisa a construção discursiva do Brasil como paraíso natural – repleto de "mulatas" sensuais e sexualmente disponíveis, enquanto destino turístico. Fruto da miscigenação entre portugueses, indígenas e africanos, a mulher de pele morena e negra foi componente publicitário principal para a difusão do país como atrativo turístico na época da ditadura militar.

A autora aponta para o surgimento de uma indústria cultural sustentada no estereótipo da mulata. Em 1971, por exemplo, o apresentador de rádio e

televisão Oswaldo Sargentelli estreou seu Show de Contemplação às Mulatas, posteriormente apresentado em casas noturnas do Rio de Janeiro, São Paulo e no exterior. O espetáculo consistia em performances de samba executadas por mulheres negras sensuais, belo sorriso, muita simpatia e poucas vestes.

Literacia Midiática

Wolton (2010) concebe a comunicação e a informação como entidades distintas. Os avanços tecnológicos tornaram a informação cada vez mais acessível, enquanto a comunicação continua dependendo da relação emissor-receptor, sendo assim mais complexa. O autor defende uma visão humanista da comunicação, que privilegia os processos políticos necessários para que a “incomunicação” entre indivíduo e cultura não se torne uma fonte de conflitos.

“[...] A aldeia global é uma realidade tecnológica, mas não social, cultural e política” (WOLTON, 2010, p. 22). Isso se deve, para o autor, à incomunicação. O problema não é mais a falta de informação, mas a criação de condições necessárias para que indivíduos consigam se comunicar e conviver em um mundo globalizado, compreendendo e tolerando diferenças linguísticas, filosóficas, religiosas, econômicas, culturais e políticas.

Aqui faremos um paralelo com o conceito de Literacia Midiática, posto que para se conviver em sociedade num mundo globalizado é de fundamental importância compreender e apropriar-se das mídias para exercer a cidadania, já que os processos de mediação têm transportado a esfera pública para o campo virtual.

Literacia Midiática é a capacidade humana individual e/ou coletiva de compreender e apropriar-se das mídias para produzir e disseminar conteúdo,

de acordo com interesses próprios. Com a globalização e a ascensão das novas mídias digitais, o receptor – agora ativo e interativo – encontrou uma nova forma de protagonismo – e de cidadania também, onde o real e o virtual já não são mais esferas tão distintas.

Para Livingstone (2003, p. 1 - tradução nossa), "literacia midiática é a capacidade de acessar, analisar, avaliar e criar mensagens através de uma variedade de contextos"⁵. A alfabetização midiática, em sua visão, aprimora o exercício da cidadania, resultando em maior participação e atuação na esfera pública. Livingstone, ao considerar a internet, elabora uma nova configuração de literacia midiática, que chama de "literacia informática, alfabetização para a internet ou cyber-alfabetização" (LIVINGSTONE, 2003, p. 3 - tradução nossa), com uma infinidade de usos desse espaço público para produção e compartilhamento. Observa-se que Livingstone (2003) apresenta dois diferentes momentos nesse processo: literacia midiática como uma leitura crítica das mídias e literacia informática como uma produção criativa de conteúdo, que depende da leitura crítica das mídias.

Na verdade, a nova ambiência das tecnologias digitais criou não apenas novas formas de experiência humana, mediação e representação, mas parece ter papel central na construção de uma nova cultura da informação. A alfabetização midiática, colocando em relação usuários e dispositivos tecnológicos, torna-se uma problemática que merece ser analisada sob a luz de um conjunto de variantes, entre elas heranças socioculturais de inclusão. Livingstone (2003) e Wolton (2010) discutem a alfabetização midiática como questão política e defendem que haja, para além da obrigatoriedade de

⁵ [...] "media literacy is the ability to access, analyze, evaluate and create messages across a variety of contexts" (LIVINGSTONE, 2003, p.1 – tradução nossa).

programas governamentais de fomento à literacia midiática, uma contrapartida democrática, eficaz e responsável dos meios de comunicação.

As concepções de Livingstone e Wolton são adotadas neste trabalho como fundamentos para a observação das interações entre usuários da *fanpage* do movimento brasileiro *Geledés*, do qual trataremos mais adiante. Ao colocar em diálogo a perspectiva desses autores, parte-se para a construção de uma metodologia que toma como pressuposto a noção de literacia midiática em redes sociais como um processo. Em nosso objeto de estudo, o processo começa no momento em que há participação com as postagens do Geledés em sua página no Facebook.

Os comentários foram considerados como legítimos de discussão on-line entre os actantes sociais, na medida da validade argumentativa e racional, a partir do reconhecimento do Outro como condição para a produção de mensagens humanas elaboradas que escapam do automatismo de simplesmente “clicar” para curtir/descurtir e compartilhar postagens (GOMES, 2014; GOMES e MAIA, 2008, HABERMAS, 1997).

Nessa linha, concordamos com o argumento de Martino e Menezes (2012, p. 14) que compreendem literacia midiática como o “desenvolvimento de competências não para usar dispositivos midiáticos, mas para compreender o fluxo de sentidos dentro de um ambiente midiático”. Tal conceito demanda a capacidade de adaptar-se, agir, interagir e reagir às interferências externas, dentro da relação do indivíduo com os meios de comunicação disponíveis. O espaço social em que o sujeito vive/existe tem sua própria cultura, explicitada nas mediações simbólicas, durante as interações humanas.

Metodologia

A página Geledés Instituto da Mulher Negra foi escolhida como objeto de estudo pela sua história de contribuições ao movimento feminista negro brasileiro e ao expressivo número de seguidores no Facebook, quando comparada com outras *fanpages* dedicadas à mesma temática.

A coleta de 323 postagens foi realizada entre os dias 16 de abril e 11 de junho de 2016, nos horários de pico entre 9h e 11h, 15h30 e 20h. No primeiro dia de coleta de dados, a página apresentava 454.642 curtidas. As postagens são republicações de textos jornalísticos informativos e opinativos produzidos pelo *website* Geledés Instituto da Mulher Negra.

No desenvolvimento do trabalho, utilizou-se a metodologia Cartografia de Controvérsias (CC) para a análise das apropriações e competências midiáticas, já que a *fanpage* trata de uma questão controversa: o machismo impetrado contra as brasileiras, principalmente contra as mulheres negras, que também sofrem com o racismo. De acordo com Pereira e Boechat (2014, p. 558), “a cartografia de controvérsias tende a desenvolver instrumentos cada vez mais adequados para a descrição e análise destas mídias, colaborando com o campo da comunicação”.

Para André Lemos (2013), o método situa o pesquisador fora da zona de imparcialidade, sendo compreendido também como um actante social, já que, ao estudar determinada controvérsia, problematiza sua existência. O machismo somado ao racismo contra as mulheres negras se insere na CC, visto que um dos critérios de definição é que a controvérsia seja reconhecida por todos, além de demarcar de forma clara os grupos que estão em conflito.

Pereira e Boechat (2014, p. 557) afirmam que a CC foi criada para facilitar aplicações práticas da Teoria Ator-Rede (TAR), também utilizada aqui como

instrumento metodológico. A TAR compreende o âmbito social como um conjunto de "grupos e agregados (redes) ou actantes (atores) e suas interações" (PEREIRA e BOECHAT, 2014, p. 559). À definição de actantes sociais são acrescentados agentes não-humanos – tais como *softwares*, reconhecendo, também nesses objetos, indícios de atuação e capacidade para gerar efeitos nas relações sociais. A teoria apresenta como máxima a busca, observação e análise dos rastros deixados pelos actantes no decorrer dos processos de interação (PEREIRA e BOECHAT, 2014).

Geledés Instituto da Mulher Negra

Em 1988, o Geledés Instituto da Mulher Negra foi fundado no contexto da luta pela restauração da democracia, época na qual os movimentos de mulheres tiveram participação ativa, produzindo discussões e conteúdos sobre a exclusão feminina de então. No dia 26 de março de 1987 foi apresentada a "Carta das Mulheres Brasileiras aos Constituintes", que indicava demandas do movimento feminista e do movimento de mulheres na elaboração da Constituição de 1988. Este documento garantiu a equidade de gênero, além de criar mecanismos de proteção dos direitos humanos das mulheres.

No *website* e na *fanpage* do Facebook não está claro se a organização também lutou pela inclusão dos direitos da mulher na Constituição de 1988. Pelo contexto histórico, podemos deduzir que sim, pois a Constituição foi elaborada durante um ano e oito meses e promulgada em 05/10/1988, mesma época em que o instituto foi fundado. É necessário lembrar que os direitos das mulheres só foram incluídos por conta da grande pressão exercida por grupos feministas da época. Diariamente, 10.000 militantes transitavam pelo

Congresso Nacional⁶. Tal evidência sinaliza a influência dos movimentos de mulheres sobre a criação do Geledés Instituto da Mulher Negra.

A entidade também possui um portal, onde oferece informação sobre a História Africana e o combate à violação de direitos humanos, como racismo, sexismo, violência policial, intolerância religiosa, violência de gênero e preconceitos. Nesse ambiente digital também disponibiliza planos de aula, dossiês pautados na valorização da história negra, e apresenta o espaço "guest post", onde publica conteúdo produzido pelos internautas.

Principais achados

Analisou-se, inicialmente, o número de curtidas, compartilhamentos e comentários. A categoria "comentários", então, foi selecionada para receber tratamento de análise qualitativa, tomando como pressuposto que este tipo de participação se configura como uma forma de interação mais ativa dos actantes, ao contrário de curtidas (interação passiva) e compartilhamentos (interação semipassiva). Esse critério faz uma adaptação à classificação adotada pelo *Digital News Report 2016*, do *Reuters Institute for the Studies of Journalism*, da *Oxford University*⁷. O propósito é compreender o exercício das competências midiáticas dos usuários da *fanpage*, dentro de um modelo que sugerimos, neste esforço científico, como *Literacia das Interações*.

⁶ Disponível em: <<http://contee.org.br/contee/index.php/2013/10/a-constituicao-de-1988-e-o-movimento-popular/#.WFQfh9rLIV>>. Acesso em 16 dez 2016.

⁷ O Digital News Report 2016 categoriza formas de engajamento e consumo de notícias em redes sociais. O participante ativo é considerado aquele que lê, compartilha e comenta notícias, enquanto que o participante reativo lê, compartilha, mas não comenta, e o participante passivo lê, mas não compartilha e nem comenta.

Na análise das postagens, foi possível dividi-las em três categorias: 1) Conjuntura Nacional/Internacional, 2) Questões de Gênero, e 3) Identidade e Questão Racial. Na categoria Conjuntura Nacional e Internacional agrupamos matérias ligadas aos seguintes assuntos: Notícias nacionais e internacionais; política nacional e internacional; educação; desigualdade; desenvolvimento econômico; superação; *haters*; relacionamento humano; *bullying*; saúde; história brasileira; inclusão social; família; preconceito de classe; tecnologias e personalidades. Foram registradas 89 postagens, com 41.948 curtidas, 11.662 compartilhamentos e 1.509 comentários.

Na categoria Questões de Gênero englobamos matérias ligadas aos seguintes assuntos: machismo; LGBTI; valorização estética negra; desigualdade; violência contra a mulher; feminismo; feminismo negro; família; sexismo; violência policial; superação; discursos sobre o que é gênero; cultura do estupro; machismo aliado ao racismo; relacionamento humano, tecnologia e educação. Esse recorte reuniu 95 postagens, com 89.112 curtidas, 14.036 compartilhamentos e 2.047 comentários.

Na categoria Identidade e Questão Racial consideramos postagens ligadas aos seguintes assuntos: racismo; cultura afro-brasileira; trabalho análogo à escravidão; superação; valorização estética negra; educação; maternidade/paternidade negra; desigualdade; violência racial policial; notícias nacionais e internacionais ligadas ao racismo; literatura afro-brasileira; cultura afro-brasileira; personalidade negra; história afro-brasileira; religiosidade; intolerância religiosa; militância negra; pesquisa social mediada por computador; direitos humanos; saúde; equidade racial; mídia; genocídio negro e identidade negra brasileira. Totalizamos 139 postagens, apresentando 166.330 curtidas, 27.805 compartilhamentos e 3.301 comentários.

É importante ressaltar que os temas tratados conversam entre si, permeando fronteiras entre as categorias, sendo essa divisão necessária apenas para que possamos operacionalizar os conceitos.

Na operacionalização qualitativa, foram analisados todos os comentários da categoria Identidade e Questão Racial, por ser esta a que obteve maior incidência de publicações, como demonstra a Tabela 1.

Classificação no ranking de interação ativa	Categoria	Número de postagens	Número de comentários
1º	Identidade e Questão Racial	139	3.301
2º	Questões de Gênero	95	2.047
3º	Conjuntura Nacional e Internacional	89	1.509

Tabela 1 - Ranking de interação ativa por categorias
Fonte: Criação própria.

O conceito de esfera pública de Habermas (1997), revisitado e atualizado por Gomes (2014) e Gomes e Maia (2008), nos forneceu normas de validade capazes de garantir a racionalidade no debate, pelas quais nos orientamos. São elas: reconhecimento do interlocutor, igualdade de condições de participação e respeito às regras. Tais argumentos permitiram estabelecer, como primeira análise, critérios para classificar os comentários em qualificados e não qualificados.

Nessa estratégia metodológica, descartamos comentários baseados em crenças, emoções e paixões. Também desconsideramos comentários com ataques pessoais e uso de palavras de baixo calão, como apresentados na Figura 1. Embora a marcação de amigos seja a principal forma de interação na

fanpage, optamos por descartá-las pelo elevado volume de mensagens constituídas apenas por marcações. Dentre as 139 publicações coletadas, 42 não reuniram comentários qualificados.



Figura 1: Exemplos de comentários classificados como não qualificados.
Fonte: Fanpage Geledeles

Para definir quais comentários seriam analisados, um ranking foi criado com as 20 postagens que receberam maior número de comentários qualificados. Conforme demonstra o Gráfico 1, das 1.904 interações registradas, 633 foram classificadas como qualificadas (33% do total).

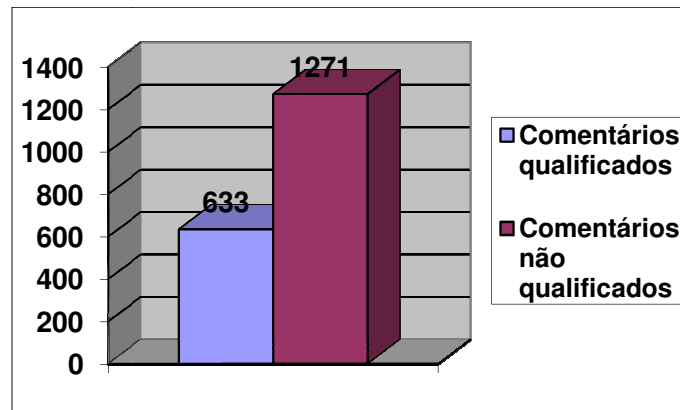


Gráfico 1 – Comentários qualificados e não qualificados
Fonte: Criação própria

A análise dessas interações nos permitiu estabelecer cinco subcategorias:

- Afirmção da Identidade Negra - Engloba 103 comentários, onde os actantes sociais se afirmam como negros ou reconhecem outros como negros, imputando valor às suas atitudes/pensamentos;
- Feminismo Negro - Comporta 39 comentários sobre questões ligadas a gênero, violência, empoderamento, machismo e sexismo;
- Posicionamento - Abarca 256 comentários que contribuem de alguma forma para a discussão, como reflexões, uso de leis, dados científicos e estatísticos, opiniões, críticas e narrativas de experiências pessoais;
- Questionamento – Abrange 185 comentários, que têm a função de questionar ou corrigir algo ou alguém e promover embates ideológicos;
- Sugestão - Reúne 50 comentários onde os actantes fazem sugestões, análises e oferecem ideias, além de compartilharem conteúdo na forma de links.

Comentários da subcategoria Feminismo Negro

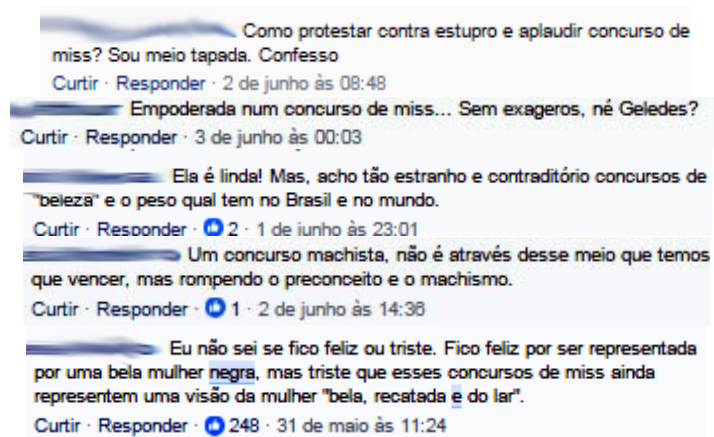
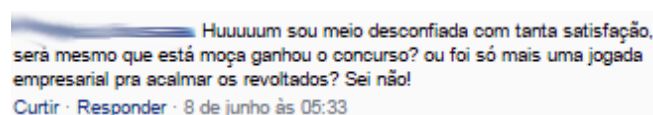


Figura 3 – Comentários da subcategoria Feminismo Negro
Fonte: Fanpage Geledés

Controvérsia: O Geledés se apresenta na *fanpage* em questão como “organização política de mulheres negras que tem por missão institucional a luta contra o racismo e o sexismo, a valorização e promoção das mulheres negras”. Após a divulgação de um vídeo de estupro coletivo na rede social *WhatsApp* no dia 25 de maio de 2016, fez várias postagens sobre o fenômeno social conhecido como “cultura do estupro”, esclarecendo e promovendo discussões sobre o tema .

Ao comemorar a vitória de uma mulher negra em um concurso de beleza e classificá-la como “empoderada”, a *fanpage* se contradiz e recebe críticas dos atores sociais, já que concursos de beleza são considerados eventos sexistas, sustentados por discursos patriarcais, identificados como pilares da “cultura do estupro”.

Comentários da subcategoria Questionamento



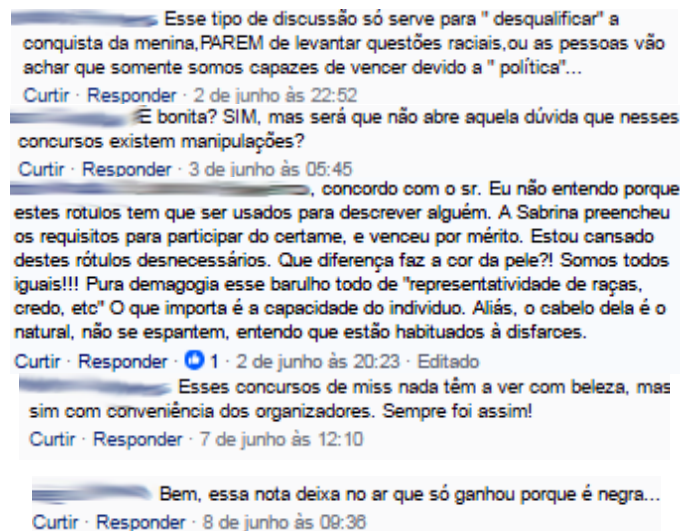


Figura 4 – Comentários da subcategoria Questionamento
Fonte: Fanpage Geledeles

Controvérsia: Venceu por mérito *versus* Interesse político em passar a coroa de miss para uma mulher negra.

Comentários da subcategoria Posicionamento

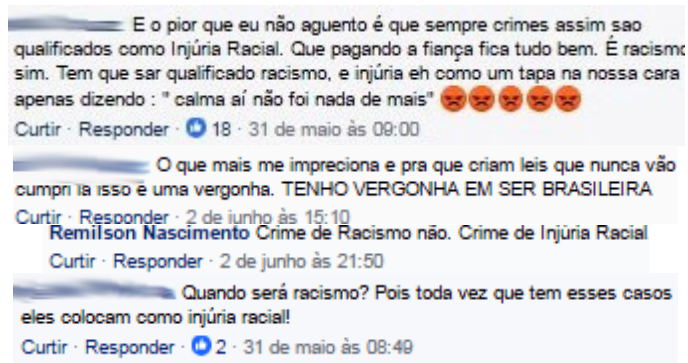


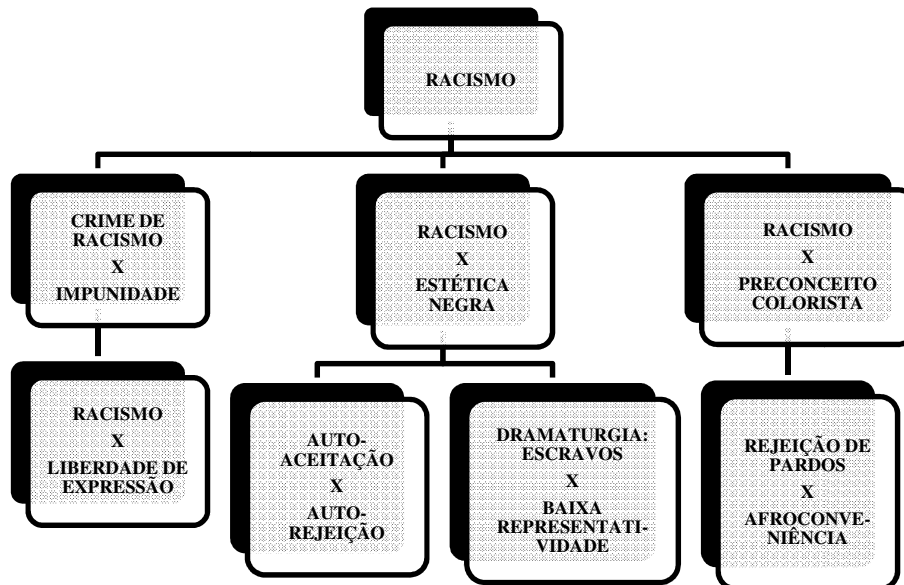
Figura 5 – Comentários da subcategoria Posicionamento
Fonte: Fanpage Geledeles

Controvérsia: Mandado de soltura de uma mulher acusada de cometer crime de racismo pela segunda vez, após pagamento da fiança prevista para crimes de injúria racial *versus* No Brasil, pessoas que têm dinheiro ou algum

poder não ficam presas. A acusada cometeu um crime de racismo, que é inafiançável, mas respondeu como injúria racial, crime que permite o pagamento de fiança.

Na categoria Identidade e Questão Racial encontramos três conflitos principais: Abolição da Escravatura, Feminismo Negro e Racismo. Acreditamos que o período de coleta – próximo às comemorações do Dia da Abolição da Escravatura – influenciou os resultados da pesquisa. Em outra época do ano, dificilmente “Abolição da Escravatura” estaria entre os três conflitos dominantes. O enredo social da época – crise política e econômica no país, casos de racismo envolvendo famosos (as) e a intensa repercussão de um caso de estupro coletivo gravado e disseminado por redes sociais – foram acontecimentos sociais responsáveis por descortinar tais controvérsias.

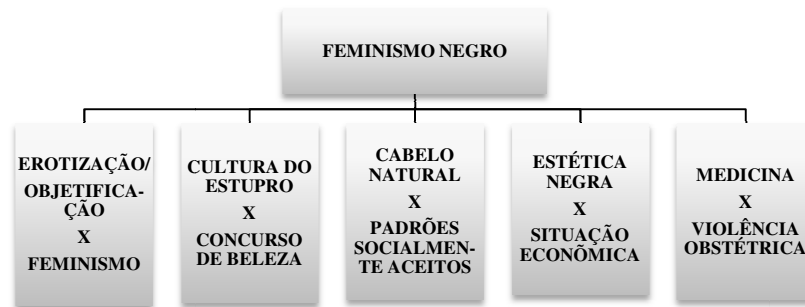
No entanto, é possível que os atores sociais cheguem a um consenso. Quando as controvérsias se harmonizam, por meio de negociações entre os mediadores, surgem as pontualizações ou caixas pretas. As caixas pretas podem se abrir novamente, caso novas controvérsias apareçam (LEMOS, 2013). Nos próximos organogramas, apresentamos as ramificações dos conflitos principais.



Organograma 1 – Racismo e conflitos secundários
Fonte: Criação própria



Organograma 2 – Abolição da escravatura e conflitos secundários
Fonte: Criação própria



Organograma 3– Feminismo negro e conflitos secundários

Fonte: Criação própria

Na *fanpage* Geledés Instituto da Mulher Negra, os conflitos estão expostos nos comentários. É notória a orientação político-ideológica esquerdista dos administradores e da maioria dos atores sociais que produzem comentários. Os principais conflitos identificados nascem da tríade gênero, política e identidade racial, sendo este último assunto o que mais apresentou publicações, comentários e controvérsias. Frequentemente os conflitos são questionamentos ao próprio Geledés Instituto da Mulher Negra, em resposta a posicionamentos contrários a algum princípio do movimento feminista negro.

Também foram notados conflitos relacionados à orientação política da página, além da constante dicotomia racismo *versus* vitimismo nos comentários. Um outro fator conflitante é o uso de expressões que afirmam a identidade do povo negro enquanto escravo ou autorejeitado, como “escravo liberto”, “ex-escrava” e “afroconvenientes”. A presença de *haters* nas discussões é comum.

Considerações finais

A hipótese inicial da pesquisa se confirmou. A *fanpage* Geledés Instituto da Mulher Negra é um nó, que reúne actantes em volta de suas postagens. Promove literacia midiática realizando o agenciamento dos assuntos e discussões na esfera pública virtual, onde os atores sociais exercitam competências midiáticas em três níveis de práticas comunicacionais: interação passiva (curtidas), interação semipassiva (compartilhamentos) e interação ativa (comentários). Durante a análise quantitativa, notou-se a predominância das formas de interação passiva e semipassiva frente aos comentários.

Observamos entre os comentários desqualificados, mensagens que tratavam de questões políticas e que sempre se repetiam em diferentes postagens, ainda que totalmente fora do contexto dessas publicações. Interpreta-se que esses atores sociais percebem a riqueza interativa da rede sociotécnica formada em torno das postagens do Geledés e procuram utilizar essa esfera pública virtual para promover suas ideologias, sem preocupação com trocas e argumentos racionais.

Também foi percebido que quanto maior o número de publicações diárias, menor o número de comentários. Na relação de comentários qualificados, determinados atores sociais aparecem frequentemente, indicando que a *fanpage* tem usuários habituais. Comentários de dois *haters* específicos aparecem na maioria das interações ativas qualificadas na amostra analisada quantitativamente, indicando que eles também acompanham as publicações da página.

Outra questão que chamou a atenção foi o crescimento semanal constante no número de publicações, curtidas, compartilhamentos e comentários. Considerando o caráter político, representativo e formador de

opinião do Geledés Instituto da Mulher Negra, expresso em seu *website* e na *fanpage*, atribuímos esse crescimento à crise política que culminou no processo de *impeachment* da presidenta Dilma Vana Rousseff e a repercussão social do compartilhamento de um vídeo de estupro coletivo que ocorreu em uma comunidade periférica do Rio de Janeiro. Tais acontecimentos descortinaram controvérsias, provocando maior interação entre os atores sociais e colocando em evidência o fenômeno social do *Agenda Setting*, ampliado e midiaticado, como componente fundamental no exercício da literacia midiática na página da entidade.

Este trabalho oferece contribuições ao campo de estudos da comunicação ao cartografar as interações mediadas na *fanpage* Geledés Instituto da Mulher Negra, mapeando controvérsias, perfis de participação dos usuários da página e suas motivações, podendo servir, inclusive, como método de análise para que movimentos ativistas on-line discutam e avaliem suas estratégias de literacia midiática, além de trabalhos acadêmicos voltados para a problemática da “literacia interativa”. É importante registrar que quanto às categorias adicionais deste estudo – Questões de Gênero e Conjuntura Nacional e Internacional, todo o material coletado foi armazenado em banco de dados para a análise e interpretação dos dados em futuros desdobramentos desta pesquisa.

Referências

ALVES, Branca Moreira; PITANGUY, Jacqueline. **O que é FEMINISMO**. 2ª edição. São Paulo: Brasiliense, 1982. 79 p. v. 44. Primeiros Passos.



ISSN nº 2447-4266

Vol. 3, n. 1, Janeiro-Março. 2017

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/ufv.2447-4266.2017v3n1p205>

AUAD, Daniela. **Feminismo: que história é essa?** Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2003. 106 p.

CARNEIRO, Sueli. **Enegrecer o Feminismo: A situação da Mulher Negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero.** 06 de março de 2011. Disponível em: <<http://www.geledes.org.br/enegrecer-o-feminismo-situacao-da-mulher-negra-na-america-latina-partir-de-uma-perspectiva-de-genero/#gs.vt3GS1w>>. Acesso em: 17 out 2016.

CASTRO, Silvia Elaine Santos de. Marcadores sociais da diferença: sobre as especificidades da mulher negra no Brasil. In: GT4 – RACISMO, INTOLERÂNCIA e POLÍTICAS PÚBLICAS. 2011, Londrina. **Marcadores sociais da diferença: sobre as especificidades da mulher negra no Brasil.** Londrina, 2011. P. 1-10. Arquivo PDF. Disponível em: <<https://negrasoulblog.files.wordpress.com/2016/04/marcadores-sociais-da-diferenc3a7a-sobre-as-especificidades-da-mulher-negra-no-brasil-silvia-elaine-santos-de-castro1.pdf>>. Acesso em: 16 out 2016.

DAMASCO, Mariana Santos; MAIO, Marcos Chor e MONTEIRO, Simone. Feminismo Negro: raça, identidade e saúde reprodutiva no Brasil (1975 -1993). **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 20, p. 133-151, 2012. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2012000100008>>. Acesso em: 04 mai 2016.

GOMES, Wilson. Esfera pública política. In: A. Citelli et al. (org.). **Dicionário de comunicação: escolas, teorias e autores.** São Paulo: Contexto, 2014, p. 221-229.

GOMES, Wilson; MAIA, Rousiley M. **Comunicação e democracia.** São Paulo: Paulus, 2008.

HABERMAS, Jürgen. **Direito e democracia.** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997.

HJARVARD, Stig. Mídiação: teorizando a mídia como agente de mudança social e cultura. **Matrizes**, v. 5, n. 2, jan-jun/2012, p. 53-91.

LE MOS, André. Cartografia de controvérsias. IN: _____. **A comunicação das coisas.** 1ª edição. São Paulo: Annablume, 2013. 310 p. Coleção Atopos. Cap. 2, p. 105- 139.



ISSN nº 2447-4266

Vol. 3, n. 1, Janeiro-Março. 2017

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/ufv.2447-4266.2017v3n1p205>

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Teoria das Mídias Digitais:** Linguagens, ambientes e redes. 2ª Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015. 291p.

PEREIRA, Débora de Carvalho; BOECHAT, Marina Pantoja. Apenas siga as mediações: desafios da cartografia de controvérsias entre a Teoria Ator-rede e as mídias digitais. **Contemporânea:** Revista de Comunicação e Cultura, v. 12, n. 3, p. 556-575, set-dez 2014. Disponível em: <<http://www.google.com/url?q=http%3A%2F%2Fwww.portalseer.ufba.br%2Findex.php%2Fcontemporaneaposcom%2Farticle%2Fview%2F12305&sa=D&sntz=1&usq=AFQjCNGtgh9e8GTd2sEeQbFeM-qkxpYlKA>>. Acesso em: 4 jul. 2016.

PINTO, Celi Regina Jardim. Feminismo, História e Poder. **Revista de Sociologia e Política.** Curitiba, v. 18, nº36, p. 15-23, jun 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rsocp/v18n36/03.pdf>>. Acesso em: 29 mai 2016.

_____. **Uma história do feminismo no Brasil.** São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2007. 119 p. História do povo brasileiro.